



O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa

Pedro Manoel Monteiro¹

Resenha de:

SILVA, Fabio Mario da (Org.). **O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa**. 1. ed. Lisboa: CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras de Lisboa. 2014.v.1. 247p. *e-book*.

O recém-lançado *e-book* **O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa** representa não só a manutenção, mas também, os desdobramentos do ato de criação da cadeira de Literaturas Africanas no Brasil, que propiciou a inserção de nossas universidades neste novo campo.

Muita coisa mudou no panorama dos estudos literários brasileiros desde a criação da Cadeira de Literaturas Africanas no Brasil, na década de 1970, na Universidade de São Paulo, pela professora doutora Aparecida Santilli, até os dias atuais. Da formação e atuação na área da Literatura Portuguesa de Cida Santilli sobrevieram relações lógicas e inquestionáveis laços de admiração intelectual, que suscitaram inquietações (naquele momento) sobre as então colônias do Ultramar Português (apesar de se encontrarem em franco processo de luta pela autodeterminação desde 1961). Passada a Revolução Democrática dos Cravos, viu-se o surgimento das novas nações: Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, pois a Guiné-Bissau já havia declarado unilateralmente a sua independência dois anos antes.

Na esteira dessas transformações, houve um período de quase silêncio, de afastamento do Brasil dessas novas nações, por motivos políticos e ideológicos. Contudo, o germen da atração entre o Brasil e os PALOP é antigo e já se pronunciava desde 1823, quando da tentativa de constituição da Confederação Brasileira, através da qual alguns setores mais progressistas das colônias de Angola, Cabo Verde e Moçambique

¹ Mestre e doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/USP, professor da Universidade Federal de Rondônia, docente do PPG/MEL - Mestrado em Estudos Literários, líder do Grupo de Pesquisas LILIPO – Literaturas de Língua Portuguesa/UNIR e membro do Grupo de Estudos Cabo-verdianos/USP.

intentaram a separação da Metrópole Portuguesa e a sua conseqüente incorporação ao recém-criado Império do Brasil, tentativa frustrada desde sua concepção.

Evidentemente, sempre houve uma ligação mais que natural entre o Brasil, Portugal e os PALOP. O papel, aglutinador, que o Brasil poderia ter desempenhado desde 1823 não se cumpriu, assim como também não se cumpriu, apropriadamente, sua outra vertente, no campo intelectual, com a primeira criação de Cida Santilli em 1970. Foi necessário um pouco mais de tempo para que a união entre o Brasil, Portugal e África se fizesse. O segundo momento, dessa aproximação no campo intelectual universitário, está secundado também pela presença criadora de Cida Santilli, mas dessa vez apoiada em personalidades como Nelly Novaes Coelho, Benjamin Abdala Júnior, Benilde Caniato e Elza Miné, entre outros, só para citar alguns dos nomes que, em 1994, criaram o Departamento de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, também na mesma Universidade de São Paulo, até então o maior e mais importante centro criador e difusor de conhecimento no país.

A partir de então, a história se tece com outras tintas. Foi criado o departamento mais profícuo em termos de estudos literários, pois, se de um lado, situam-se os estudos das nações africanas dos PALOP, por outro, carrega em seu bojo mais duas vertentes teóricas importantíssimas: os estudos de literatura feminina/gênero e os estudos pós-coloniais. Tem-se com isso uma das mais fortes convergências teórico-críticas surgidas nas últimas décadas.

Atualmente percebemos irradiação e a vasta difusão dos estudos das literaturas dos PALOP com o surgimento de uma nova geração de estudiosos e críticos que se inserem no panorama mundial das três mais importantes correntes analíticas da contemporaneidade: literaturas africanas, estudos de gênero e os estudos pós-coloniais. Fato confirmado pela obra em análise, através da qual se atesta a projeção internacional da tradição brasileira iniciada na Universidade de São Paulo.

O brasileiro Fabio Mario da Silva, organizador da obra – jovem pesquisador vinculado ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) e Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – é investigador da literatura escrita por mulheres, em sua vertente comparatista, possui vários trabalhos publicados sobre o tema, sendo este, fator preponderante para a escolha e composição equilibrada desta obra.

O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa apresenta cinco partes: Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Cada parte apresenta dois capítulos escritos por uma mescla de jovens críticos como Ricardo Riso,

Tiago Aires ou Débora David, alternando com críticos mais experientes como Moema Parente Augel. Destaca-se ainda a internacionalização dos críticos e de instituições representadas, assim cabe salientar o papel dos críticos brasileiros nessa mostra de amplo espectro realizada por Fabio Mario da Silva.

Segundo o organizador esclarece na Introdução:

(...) não temos por objetivo demonstrar o feminismo/ou feminino no contexto africano em língua portuguesa através de obras de autores e autoras, mas de perceber o modo como a ideia de feminino (e não apenas de mulher) está inserida na escrita de diversos países africanos lusófonos (p. 8).

No primeiro capítulo, Marilúcia Mendes Ramos trata da presença feminina em obras de autoria masculina, da mesma maneira que o fazem Moema Parente Augel, Tiago Aires e Débora David, apenas sobre a literatura de Cabo Verde não há estudo dessa natureza. Compõem o corpus ficcional desses capítulos, de Angola, as obras de Alfredo Troni, Luandino Vieira, Uanhanga Xitu; da Guiné, as de José Carlos Schwarz, Tony Tcheka, Félix Sigá, Huco Monteiro, Nelson Medina e Carlos Edmilson Vieira; de Moçambique, as de Mia Couto e de São Tomé, as de Costa Alegre. Como se pode depreender, é um passeio literário que perpassa verso e prosa nas vozes mais abalizadas da cultura africana lusófona.

Como espectro das vozes femininas africanas, os estudos caminham também por nomes representativos desse universo em lenta expansão. Por exemplo, são apresentadas poesia e prosa de Angola (com Ana Paula Tavares), de Cabo Verde (com Dina Salústio, Carlota de Barros e Maria Helena Sato), da Guiné (com Filomena Embaló), de Moçambique (com Lilia Momplé) e, por fim, de São Tomé (com Conceição Lima).

Como fica patente, são vozes emergentes de uma contemporaneidade pós-colonial que visam instaurar uma Africanidade literária indiscutível, são os discursos de resistência quer seja no/do feminino, quer seja na concepção integradora de uma nova masculinidade, que assume a visão do feminino na construção simbólica da modernidade; discursos que se erigem por meio de vozes masculinas/femininas entrecruzadas pela autoria/protagonismo que tem a mulher como foco.

O estudo crítico desses discursos permite não somente a continuidade, mas a expansão da área criada pela cadeira Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no

Brasil, pelo modo progressista de abordagem, que como atesta a atualidade do aporte teórico dos dez artigos que compõem o livro, se multiplicou e se aventura pelo mundo.

Os capítulos que compõem **O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa** pautam-se pela atualidade bibliográfica de nomes como os de Bakhtin, Bhabha, Candido, Deleuze, Hallbwachs, Kristeva, Memmi, Said, Beauvoir, Bourdieu, Cixous entre muitos outros clássicos da teoria e crítica. Ao lado destes, surgem outros nomes mais recentes, que, entretanto, já compõem o cânone da crítica em Língua Portuguesa dos estudos das Literaturas Africanas Lusófonas, como os de Ana Mafalda Leite, Inocência Mata, Laura Padilha, Pires Laranjeira, Tânia Macedo e Simone Caputo Gomes. Portanto, as leituras apresentadas ao longo do livro paulatinamente vão avançando por caminhos não trilhados por Manuel Ferreira, Michel Laban, Hüssel Hamilton que fizeram parte da primeira onda de investigadores das literaturas dos PALOP. Com isso, propõem novos olhares e, por isso, contribuem sobremaneira seja para reler os autores(as) mais conhecidos ou lançar luz sobre autores(as) jovens e ainda pouco lidos.